

# Inserção ocupacional de emigrantes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro

Ralfo Matos\*  
Rodrigo Nunes Ferreira\*\*

*O artigo analisa, por meio de dados censitários, a inserção ocupacional dos emigrantes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro em 78 microrregiões selecionadas. A seleção das microrregiões, com base em estudo anterior, buscou contemplar os segmentos mais importantes da rede de cidades do Brasil contemporâneo. Quanto à direção dos fluxos migratórios originários das maiores áreas urbanas do país, os resultados indicam que a desconcentração industrial pode ter gerado estímulos no setor terciário em diversos pontos da rede de localidades centrais. Comparando a situação ocupacional de diferentes tipos de migrantes, a qualificação do trabalhador foi estabelecida por meio da atividade ocupacional e nível de escolaridade. A análise mostrou, reiteradamente, que os emigrantes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro são mais bem qualificados que os demais imigrantes presentes nas microrregiões analisadas. As evidências colhidas contribuem para reintroduzir a discussão teórica sobre o papel dos grandes centros urbanos como difusores de crescimento econômico e inovações técnicas. Além disso, algumas afirmações recentes sobre a evasão de mão-de-obra qualificada das grandes metrópoles em crise encontram algum respaldo nos dados aqui examinados.*

**Palavras-chave:** Migração. Desconcentração demográfica. Inserção ocupacional.

Este artigo procura analisar, por meio dos dados do Censo Demográfico de 1991, a inserção ocupacional dos imigrantes procedentes das Áreas Metropolitanas (AMs) de São Paulo e Rio de Janeiro, no período entre 1981 e 1991, em 78 microrregiões do país, comparando a situação desse grupo com a dos demais imigrantes nelas presentes.

## Aspectos metodológicos

A opção de tomar a “microrregião geográfica” como unidade mínima de análise neste estudo baseia-se no fato de ela se referir a uma regionalização oficial

recentemente adotada pelo IBGE, a qual permite mostrar aspectos da realidade de forma bastante desagregada, mas sem chegar ao retalhamento dos recortes municipais.

Neste artigo será analisada a migração de última etapa, sendo considerado migrante toda pessoa que não nasceu no município onde morava quando foi recenseada, em 1991, ou que lá nasceu mas tenha morado em outro município e que tivesse menos de dez anos ininterruptos de residência no local.

As análises reportam-se ao grupo formado por 84 microrregiões apresentadas em Matos (2001), áreas que durante a

\* Professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

\*\* Mestrando em Geografia pelo Instituto de Geociências da UFMG.

década de 80 se destacaram em cada Grande Região do país pelos efetivos populacionais e/ou pelo número de migrantes recebidos<sup>1</sup>. Esse conjunto de microrregiões “contempla a maioria dos segmentos mais importantes da rede de cidades do Brasil contemporâneo, respondendo, em larga medida, pela espacialidade que a dinâmica econômica vem cristalizando nas últimas décadas” (Matos, 2001, p. 117).

Como será examinada a contribuição dos migrantes procedentes das áreas urbanas das macrometrópoles São Paulo<sup>2</sup> e Rio de Janeiro<sup>3</sup>, foi necessário subtrair das 84 microrregiões aquelas que pertenciam a essas duas áreas, o que resultou em um conjunto de 78 microrregiões, conforme Mapa 1.

A partir das informações censitárias, buscou-se obter dados que pudessem auxiliar no entendimento das formas de inserção no mercado de trabalho de subpopulações definidas a partir do *status* migratório. Assim, os imigrantes provenientes das microrregiões que compõem as Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, aqui denominadas AMs, são os que declararam como último local de residência algum dos municípios pertencentes

à AMSP ou à AMRJ. Os “demais imigrantes”, por exclusão, seriam os residentes nas 78 microrregiões que diferissem dessa condição.

Além disso, apurou-se a população total da microrregião segundo esses grupos, dividindo-a, de acordo com a idade, em População em Idade Não Ativa (menores de 10 anos) e População em Idade Ativa – PIA (maiores de 10 anos). Dentro desse último grupo selecionou-se a População Economicamente Ativa – PEA (pessoas que tenham trabalhado em todos ou em parte dos doze meses que antecederam a realização do censo).

Uma vez definida a PEA, duas subpopulações foram controladas segundo inserção ocupacional: *qualificados* e *não-qualificados*. Esse controle, a partir da definição de ocupação do Censo Demográfico<sup>4</sup>, discrimina dois grupos de ocupações: as “qualificadas” e as “não-qualificadas”<sup>5</sup>. Para os trabalhadores em ocupações consideradas qualificadas exige-se que tenham no mínimo quatro anos de estudo, caso contrário são incluídos entre os não-qualificados.

Boa parte das análises aqui apresentadas baseia-se em comparações envolvendo os dois grupos de migrantes, o primeiro formado pelos *imigrantes proce-*

<sup>1</sup> Os critérios utilizados em Matos (2001) para a seleção destas microrregiões foram os seguintes: (a) importância na sua respectiva Grande Região em termos de tamanho populacional, segundo os dados de população total de 1991; (b) tamanho relativo, dentro da Grande Região, do estoque de população imigrante de cada microrregião; (c) a microrregião selecionada deveria ter ou uma população expressiva ou um número de imigrantes elevado, geralmente acima de 50 mil; (d) algumas microrregiões, embora tivessem população expressiva, não foram selecionadas em face de o número de imigrantes ser inferior a 50 mil, desde que não estivessem entre as maiores da Grande Região (como Rio Branco, capital do Acre); (e) nas regiões Sul e Sudeste só foram escolhidas as microrregiões mais representativas nos dois critérios, ficando de fora algumas por estarem muito próximas umas das outras ou por não conterem um número tão expressivo de imigrantes como as vizinhas.

<sup>2</sup> A Área Metropolitana de São Paulo (AMSP) é formada por 38 municípios: Barueri, Cajamar, Carapicuíba, Itapevi, Jandira, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Santana de Parnaíba, Caieiras, Francisco Morato, Franco da Rocha, Mairiporã, Arujá, Guarulhos, Santa Isabel, Cotia, Embu, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, Juquitiba, Taboão da Serra, Vargem Grande Paulista, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Paulo, Biritiba-Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis e Suzano. Esses municípios são agrupados em seis microrregiões: São Paulo, Mogi das Cruzes, Guarulhos, Itapeverica da Serra, Osasco e Franco da Rocha.

<sup>3</sup> A Área Metropolitana do Rio de Janeiro (AMRJ) é formada por dez municípios – Duque de Caxias, Itaboraí, Magé, Maricá, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, São Gonçalo e São João de Meriti – que compõem a microrregião de mesmo nome.

<sup>4</sup> “Como ocupação entende-se o emprego, cargo, função, profissão etc. exercido durante a maior parte dos meses anteriores à data de referência do censo ou, excepcionalmente, a ocupação exercida na data de referência do censo, quando adotada com a intenção de ser definitiva.” (IBGE, 1996, p. 15).

<sup>5</sup> Dividir as ocupações meramente entre qualificadas e não-qualificadas reduz a sensibilidade na delimitação de determinadas profissões, devido à diversidade de situações ocupacionais encontradas no mercado de trabalho ou às ocupações de “fronteira”, que não são totalmente qualificadas mas que não podem ser taxadas de não-qualificadas. Este último problema só seria resolvido se incluíssemos um grupo intermediário de semiquilificados. Essa classificação das ocupações por grau de qualificação encontra-se em Matos (2001).

dentos das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro (denominado ao longo do texto como *emigrantes das AMs*) e

o segundo formado pelos *demais imigrantes*, sendo que o primeiro grupo sempre será tomado como referência.

**MAPA 1**  
**Localização das cidades sedes de microrregiões e áreas metropolitanas selecionadas – 1991**



### Valores e direções do fluxo com origem nas AMs

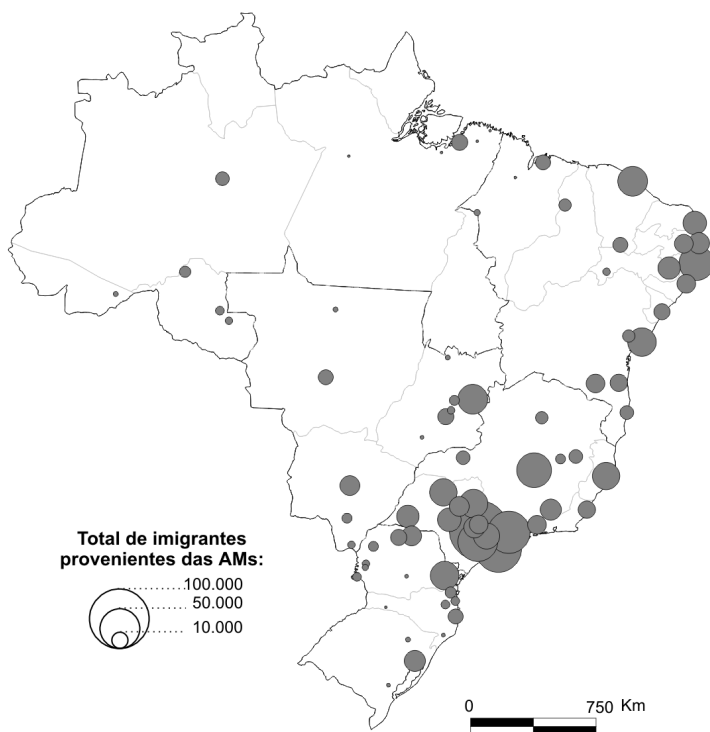
No período 1981-1991, as microrregiões selecionadas receberam um total de 1.026.725 imigrantes provenientes das AMs de São Paulo e Rio de Janeiro, o que representa 49% do fluxo emigratório dessas AMs, de 2.096.420 pessoas. Excluindo-se os 77.549 migrantes relativos às trocas entre as próprias AMs, este percentual sobe para 51%<sup>6</sup>.

Entre as principais microrregiões receptoras destes fluxos destacam-se as microrregiões do próprio Estado de São Paulo (Figura 1). As quatro microrregiões

para as quais esses migrantes afluíram de forma mais intensa foram Campinas (9,4% do fluxo emigratório total), Santos (6,3%), São José dos Campos (5,4%) e Sorocaba (4,8%). Em seguida, com proporções relativamente expressivas, comparecem algumas capitais estaduais<sup>7</sup>: Belo Horizonte, Recife, Brasília, Fortaleza, Curitiba e Salvador.

Estes dados evidenciam uma desconcentração concentrada das AMs (Diniz, 1993; Martine e Diniz, 1994), tendo em vista que a maior parte deste fluxo permanece nas proximidades da grande metrópole paulista<sup>8</sup>. Outra característica relativamente importante é o fato de algumas capitais do

**FIGURA 1**  
Total de imigrantes procedentes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro nas microrregiões selecionadas – 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

<sup>6</sup> A emigração da AMRJ em direção à AMSP foi de 46.076 pessoas; no sentido inverso o fluxo foi de 31.473 migrantes.

<sup>7</sup> Para evitar repetições, sempre que nos referirmos a capitais estaduais, na verdade estaremos tratando de microrregiões que sediam capitais estaduais.

<sup>8</sup> No total, as doze microrregiões paulistas aqui analisadas responderam por 41,4% deste fluxo.

**QUADRO 1**

**Quadro comparativo entre as participações dos imigrantes na população total e dos imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro no total de imigrantes das microrregiões selecionadas – 1991**

|  |                 | Participação dos imigrantes na população total |  |   |
|--|-----------------|--|--|---|
|  |                 | Baixa (< 10%)                                  | Média (10 a 25%)   | Alta (> 25%)  |
| Participação dos imigrantes provenientes de SP e RJ no total de imigrantes | Alta (> 10%)    | Campos dos Goitacazes - RJ                     | Cariri - CE<br>Natal - RN<br>Campina Grande - PB<br>João Pessoa - PB<br>Ribeirão Preto - SP<br>Bauru - SP<br>Araraquara - SP<br>Piracicaba - SP<br>Presidente Prudente - SP<br>Sorocaba - SP<br>Jundiá - SP<br>São José dos Campos - SP<br>Santos - SP<br>Londrina - PR<br>Vale do Ipojuca - PE<br>Vitória da Conquista - BA<br>Montes Claros - MG<br>Juiz de Fora - MG<br>Vale do Paraíba Fluminense - RJ | São José do Rio Preto - SP<br>Campinas - SP   |
|  | Média (5 a 10%) |  | Fortaleza - CE<br>Recife - PE<br>Maceió - AL<br>Feira de Santana - BA<br>Salvador - BA<br>Ilhéus-Itabuna - BA<br>Porto Seguro - BA<br>Uberlândia - MG<br>Belo Horizonte - MG<br>Governador Valadares - MG<br>Ipatinga - MG<br>Curitiba - PR<br>Brasília - DF   | Aracaju - SE<br>Vitória - ES<br>Umuarama - PR<br>Maringá - PR<br>Florianópolis - SC<br>Campo Grande - MS<br>Cuiabá - MT   |
|  | Baixa (< 5%)    | Cametá - PA                                    | Rio Branco - AC<br>Belém - PA<br>Teresina - PI<br>Guarapuava - PR<br>Chapecó - SC<br>Blumenau - SC<br>Criciúma - SC<br>Caxias do Sul - RS<br>Porto Alegre - RS<br>Pelotas - RS<br>Anápolis - GO<br>Sudoeste de Goiás - GO<br>Guamá - PA<br>Manaus - AM<br>Santarém - PA<br>Bragantina - PA   | Porto Velho - RO<br>Ji-Paraná - RO<br>Cacoal - RO<br>Aglom. Urbana de São Luís - MA<br>Imperatriz - MA<br>Petrolina - PE<br>Toledo - PR<br>Cascavel - PR<br>Foz do Iguaçu - PR<br>Joinville - SC<br>Itajaí - SC<br>Dourados - MS<br>Iguatemi - MS<br>Colíder - MT<br>Porangatu - GO<br>Goiânia - GO<br>Entorno de Brasília - GO |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações do Laboratório de Estudos Territoriais (Leste), IGC/UFMG.

Nordeste receberem parte considerável deste fluxo. Esta migração de longa distância tem como principal componente a migração de retorno. Como aponta Ribeiro (1997), a migração de retorno à unidade da Federação de nascimento, somada aos seus efeitos indiretos, respondia, em 1991, por cerca de 96% do total da imigração da região Nordeste.

Com vistas à comparação dos fluxos migratórios oriundos das AMs nas áreas de destino, o Quadro 1 mostra a participação da migração na população total das microrregiões selecionadas, assim como a participação relativa dos imigrantes oriundos das AMs na composição da população total de imigrantes das microrregiões.

Os dados do Quadro 1 permitem constatar que apenas duas microrregiões paulistas, São José do Rio Preto e Campinas, possuem grande participação da população migrante na população total (acima de 25%) e alta participação dos imigrantes provenientes das AMs no total de migrantes (acima de 10%). No outro extremo, com baixa participação da população migrante na população total (abaixo de 10%) e baixa participação dos emigrados das AMs entre os migrantes (abaixo de 5%), figura somente a microrregião de Cametá (PA).

Chama a atenção a existência de 20 microrregiões com alta participação dos imigrantes oriundos das AMs na população migrante, quando essa representa de 10% a 25% da população total. Outro grupo claramente identificável é o que possui uma alta participação dos imigrantes na

população total e baixa participação nestes dos provenientes das AMs.

Todas as capitais estaduais que se destacaram por receber importante parcela dos emigrados das AMs (ver Figura 1) encontram-se em situação mediana em ambos os casos, ou seja, a população migrante representa entre 10% e 25% da população total e os imigrantes provenientes da AMSP e AMRJ representam entre 5% e 10% da população migrante. Contudo, em termos de valores absolutos, estas microrregiões acumulam expressivos fluxos de imigração.

### Migrantes urbanos e nível de atividade

Os dados sobre a situação domiciliar da PEA do grupo *emigrantes das AMs* mostram que 94% dessas pessoas residiam em áreas urbanas em 1991, enquanto entre os *demais imigrantes* essa proporção era de 86%<sup>9</sup>.

Ao compararmos a participação da população residindo em áreas urbanas nas microrregiões com a média do país, notamos que apenas oito microrregiões tinham um grau de urbanização inferior à média nacional (75%)<sup>10</sup>. Acima dessa média estão as capitais estaduais, assim como a grande maioria das microrregiões das regiões Sul e Sudeste.

O *nível de atividade* é um indicador que permite aferir, de forma preliminar, qual grupo de migrantes está mais ou menos inserido no mercado de trabalho das áreas de destino<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Seguindo os critérios adotados pelo IBGE no Censo Demográfico de 1991 (IBGE, 1996, p. 3), foram considerados domicílios urbanos os localizados em áreas, urbanizadas ou não, correspondentes às sedes municipais e distritais ou em áreas urbanas isoladas.

<sup>10</sup> No caso de seis dessas microrregiões (Guamá, Pindaré, Santarém, Colíder, Sudoeste de Goiás e Guarapuava), isso pode ser atribuído à vocação agrícola destas áreas. Entretanto, duas capitais estaduais (Aglomerado Urbano de São Luís e Belém) também se encaixam nessa categoria.

<sup>11</sup> Cabe ressaltar o caráter contraditório desse indicador. A literatura sobre o assunto tem mostrado que a migração se faz sustentada por uma rede de relações sociais que implicam laços de solidariedade entre um conjunto de pessoas ligadas por relações de amizade, parentesco e experiência de trabalho (Sasaki e Assis, 2000, p. 10-12; Durham, 1984, p. 183-211). Como se trabalha com os dados da PEA, que inclui tanto empregados como desempregados, um alto nível de atividade tanto poderia indicar uma facilidade de inserção no mercado de trabalho como também ser reflexo da atuação desses laços de solidariedade no grupo de migrantes, que, frente às adversidades encontradas no novo local, opta pela inserção de mais membros da família no mercado de trabalho. Uma forma de clarear esta situação seria a análise da taxa de desemprego entre os dois grupos. Entretanto, cabe ressaltar que esta ressalva se aplica com mais vigor quando se trata de estudos comparando migrantes e não-migrantes. No caso deste estudo, trabalha-se com dois grupos de migrantes que, provavelmente, têm, em linhas gerais, várias características demográficas parecidas.

**TABELA 1**  
**Distribuição setorial da PEA para o total de imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e demais imigrantes nas microrregiões selecionadas – 1991**

| Grupos            | Primário | Secundário | Terciário |
|-------------------|----------|------------|-----------|
| Imigrante das AMs | 5,8      | 25,6       | 69,0      |
| Demais Imigrantes | 13,0     | 25,4       | 61,6      |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações do Laboratório de Estudos Territoriais (Leste), IGC/UFGM.

Os dados mostram que mais da metade dos migrantes em idade ativa compunham-se de pessoas economicamente ativas: 52,9% no grupo *demais imigrantes* e 50,7% no grupo *emigrantes das AMs*. Na distribuição da PEA pelos setores econômicos (Tabela 1) encontramos, como seria de esperar, um padrão semelhante entre os dois grupos. Em ambos, o setor terciário apresenta maior participação na composição da PEA, seguido pelo secundário e, bem longe, pelo setor primário. Apesar da similaridade no padrão de distribuição da PEA dos dois grupos por setores econômicos, é possível notar que o setor primário possui menor importância entre os *emigrantes das AMs*, agregando 5,8% da PEA desse grupo, ao passo que entre os *demais imigrantes* este setor agrega 13% da PEA. Já o setor terciário responde por 69% da PEA do grupo *emigrantes das AMs*, contra 61,6% do grupo *demais imigrantes*.

Os diferenciais entre o terciário e o secundário permitem afirmar que a desconcentração econômica a partir de São Paulo deve associar-se à geração de oportunidades fora das macrometrópoles, em atividades não industriais provavelmente relacionadas à expansão da urbanização (nas atividades de comércio e serviços)<sup>12</sup>. Contudo, convém considerar a hipótese de que os imigrantes provenientes das AMs têm colaborado para a diversificação e dinamização das economias urbanas desses

mercados de trabalho, podendo, eventualmente, eles mesmos serem os vetores econômicos que introduzem oportunidades de expansão dos mercados a partir de pequenos investimentos.

#### *Nível de atividade por microrregiões*

A análise do nível de atividade desagregada por microrregiões (Figuras 2.1 e 2.2) mostra que havia 51 microrregiões com proporções de ativos entre os *emigrantes das AMs* acima do patamar de 50,7%<sup>13</sup>, enquanto no grupo *demais imigrantes* 50 microrregiões estavam na mesma situação.

Nas regiões Sul e Sudeste, em apenas três microrregiões o grupo *demais imigrantes* exibiu um nível de atividade abaixo do valor de referência (50,7%)<sup>14</sup>, enquanto em sete microrregiões o mesmo ocorria com o grupo *emigrantes das AMs*. Essa evidência pode estar a indicar que, nestas duas regiões, o grupo formado pelos imigrantes provenientes das AMs pode ser constituído por uma fração um pouco mais expressiva de pessoas aposentadas e famílias com filhos e mulheres não ocupando postos no mercado de trabalho<sup>15</sup>. Essas pessoas podem ter migrado à procura de melhor qualidade de vida nas cidades médias, “fugindo” dos inconvenientes das grandes cidades, ou seja, esta não seria meramente uma migração em busca de emprego.

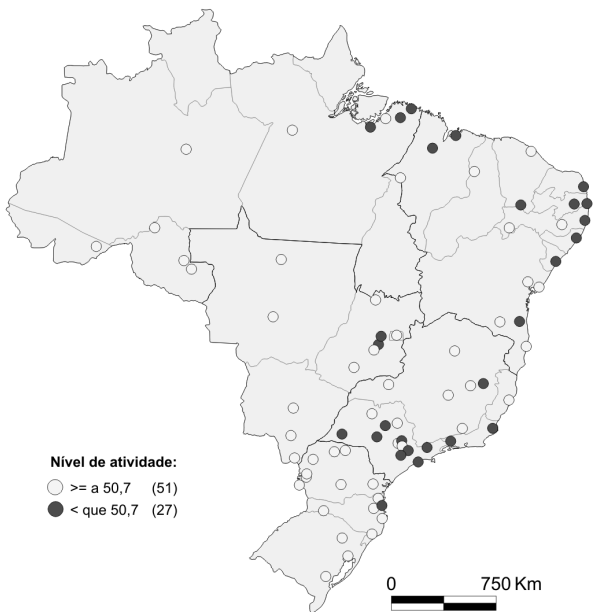
<sup>12</sup> Sobre os efeitos indiretos da desconcentração industrial, Diniz (1993) aponta para o seguinte processo: “[...] a atividade industrial em si só não arrasta, atrai e fixa a população numa nova localidade; mais importante seria o conjunto de atividades econômicas que eventualmente acompanha essa intensificação da atividade produtiva nessa localidade [...] a atividade industrial seria uma espécie de motor que gera produção, renda e uma certa quantidade de empregos. Contudo, é o efeito dinamizador desta atividade sobre o comércio e os serviços que, posteriormente, acaba gerando uma massa quantitativamente superior de empregos e, portanto, fixando contingentes significativos de migrantes”.

<sup>13</sup> Este valor, tomado como referência, refere-se ao nível de atividade dos imigrantes provenientes das AMs.

<sup>14</sup> Governador Valadares, Campo dos Goitacazes e Vale do Paraíba Fluminense.

<sup>15</sup> O estudo de Cunha e Jakob (2000) já registrara que entre os emigrantes da AMSP que tiveram como destino o próprio Estado de São Paulo havia uma maior concentração de pessoas com idade inferior a 10 anos e superior a 35 anos.

**FIGURA 2.1**  
Nível de atividade dos imigrantes procedentes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro nas microrregiões selecionadas – 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

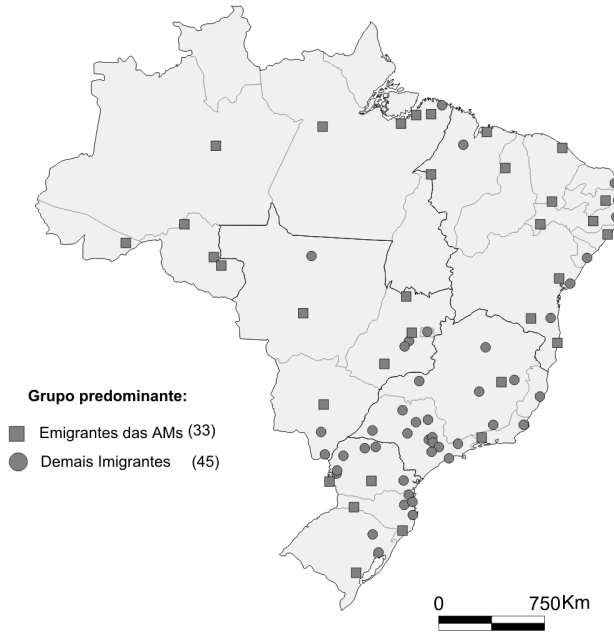
**FIGURA 2.2**  
Nível de atividade dos demais imigrantes presentes nas microrregiões selecionadas – 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.



**FIGURA 2.3**  
**Comparação entre o nível de atividade dos imigrantes procedentes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e dos demais imigrantes presentes nas microrregiões selecionadas – 1991**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

Situação contrária é encontrada no Nordeste, onde o grupo *demais imigrantes* em apenas duas microrregiões baianas exibe um nível de atividade superior ao valor de referência (50,7%), enquanto o grupo de *emigrantes das AMs* supera este valor em sete microrregiões.

Na comparação entre as regiões Sul-Sudeste e Nordeste percebe-se uma clara predominância, em ambos os grupos, de uma maior atividade nas duas primeiras regiões, ao passo que no Nordeste predominam valores abaixo de 50,7%. Observa-se também que os *demais imigrantes* possuem maior *nível de atividade* em 45 microrregiões, contra 33 do grupo *emigrantes das AMs* (Figura 2.3). Os primeiros destacavam-se nas microrregiões das regiões Sul e Sudeste, enquanto os *emigrantes das AMs* apresentavam maior taxa de atividade nas regiões Centro-Oeste e Norte, áreas de fronteira onde os efeitos da seletividade (melhor qualificação e

predominância do destino urbano) podem estar pesando a seu favor. No Nordeste, o grupo *emigrantes das AMs* era mais ativo em 12 das 19 microrregiões.

#### *A distribuição da PEA por setores econômicos nas microrregiões*

Tomando como base de comparação a proporção de *emigrantes das AMs* integrantes da PEA ocupados no setor terciário (69%), percebe-se que na maioria das microrregiões, 41 no total, a participação desse grupo no terciário é superior a este valor. Quanto à distribuição destas microrregiões pelo território nacional, pode-se dizer que elas se concentram, basicamente, nas capitais estaduais. Por outro lado, abaixo dos 69% estão várias microrregiões do entorno da AMSP.

No grupo *demais imigrantes*, apenas em 15 microrregiões sua participação esteve acima dessa proporção, sendo que, destas,

14 microrregiões eram capitais estaduais, das quais nove eram capitais de estados nordestinos.

Os dados da contribuição do setor secundário na formação da PEA para o grupo de *emigrantes das AMs* mostram algumas diferenças na distribuição espacial das microrregiões que ficaram acima e abaixo do valor de referência (25,6%). Entre as microrregiões acima desse valor é possível notar uma grande concentração no entorno da AMSP, fato que se deve ao dinamismo industrial desta área. Outras cinco encontram-se na região Sul, quatro em Minas e as demais no Nordeste e Norte. A comparação entre as participações dos dois grupos mostra ligeira superioridade dos *demais imigrantes*, tendo em vista que em 45 microrregiões estes obtiveram participação superior ao grupo de *emigrantes das AMs*. As microrregiões que se destacaram referem-se aos pólos industriais mais dinâmicos (região Sul, São Paulo e Manaus), sinalizando uma maior sensibilidade deste grupo no que diz respeito ao emprego industrial.

Os dados evidenciam que os *emigrantes das AMs* pareciam preferir as ocupações do setor terciário. Uma das possíveis explicações para os diferenciais apresentados nos cartogramas refere-se ao fato de as migrações oriundas das AMs de São Paulo e Rio de Janeiro terem um perfil fortemente urbano-urbano. Contudo, isto não é suficiente para explicar a maior presença dos *demais imigrantes* nas microrregiões de maior dinamismo industrial.

### Nível de qualificação

A participação percentual do grupo qualificado na PEA total resultou no que se denomina de *nível de qualificação*. Para cada grupo de migrantes, estimou-se a “proporção de qualificados no grupo”

(PQG)<sup>16</sup>. Após a determinação desse valor para os dois grupos foram feitas comparações entre os resultados mediante cartogramas que posicionam os grupos nas microrregiões. Nessa análise, toma-se como *parâmetro* a proporção de qualificados do grupo *emigrantes das AMs*. Assim, as microrregiões são estratificadas em duas classes, as que se situam acima desse parâmetro e as que estão abaixo, isto tanto para o grupo *emigrante das AMs* quanto para o grupo *demais imigrantes*<sup>17</sup>.

Os dados que se seguem apresentam a distribuição dos migrantes do grupo *emigrantes das AMs* entre qualificados e não-qualificados, comparando-os aos *demais imigrantes*, de modo a verificar qual destes grupos estaria em melhores condições no mercado de trabalho segundo *nível de qualificação*, e em quais microrregiões este nível está abaixo ou acima do parâmetro médio, dado pela proporção de qualificados no grupo *emigrantes das AMs*, que é de 70,3%. Essa medida entre os *demais imigrantes* é bem inferior, 54,5%, ou seja, quase metade deste grupo se enquadra entre os aqui considerados como não-qualificados.

### Nível de qualificação nas microrregiões selecionadas

A espacialização do comportamento do grupo *emigrantes das AMs* por microrregiões, assinalando as que se situaram acima e abaixo do parâmetro médio (proporção de qualificados no grupo *emigrantes das AMs*), mostra uma distribuição equilibrada. Entre as microrregiões em que a proporção de qualificados ficou acima de 70,3% destacam-se as localizadas no noroeste de São Paulo, sul do Paraná, estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e as microrregiões que sediam capitais dos estados das regiões Centro-Oeste,

<sup>16</sup> Entre os procedentes das AMs, por exemplo, ele representa o quociente entre o total de imigrantes qualificados das AMs ( $lq$ ) e o total de imigrantes das AMs ( $l$ ) – qualificados e não-qualificados – expresso em termos percentuais. Assim,  $PQG = (lq / l) * 100$ .

<sup>17</sup> Sempre que necessário, os dados serão apresentados por meio de mapas temáticos da variável em estudo. Esta opção justifica-se pela riqueza desse recurso gráfico em termos de possibilidades de comunicação, e por apresentar ao leitor os resultados encontrados de forma espacializada, possibilidade esta para a qual os gráficos e tabelas apresentam limitações.

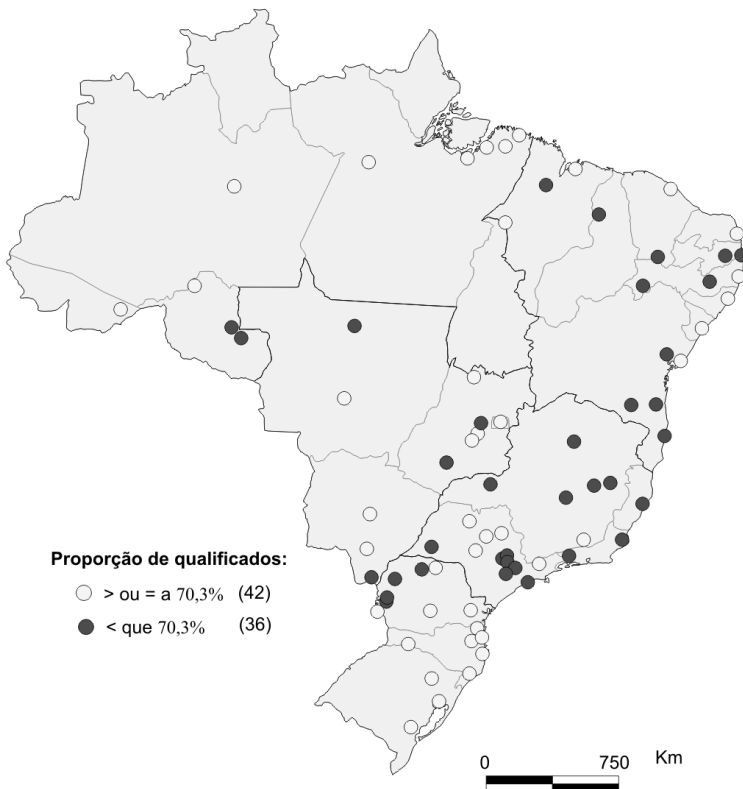
Norte e Nordeste (Figura 3.1). Também se destacam positivamente algumas microrregiões do Centro-Oeste e Norte, cujas economias são predominantemente voltadas para o setor primário<sup>18</sup>.

Por outro lado, nota-se a existência de níveis de qualificação inferiores ao parâmetro médio em microrregiões do entorno da Área Metropolitana de São Paulo, que, como mostrado na Figura 1, são áreas de destino de parcela expressiva dos fluxos aqui analisados, o que pode ser interpretado como uma forma de difusão da pobreza, a partir dos grandes centros urbanos – no caso, São Paulo –, para seu

entorno. Também abaixo da média estão algumas microrregiões do oeste do Paraná e sul do Mato Grosso do Sul, áreas tradicionalmente agrárias e que poderiam estar passando por dificuldades em seus mercados de trabalho, em face de mudanças associadas ao deslocamento da fronteira agrícola em direção ao Centro-Oeste e Cerrado Nordestino.

Ainda se destacavam negativamente: na região Sudeste, várias microrregiões dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais; no Nordeste, as microrregiões interioranas; no Norte e Centro-Oeste, as microrregiões em áreas de

**FIGURA 3.1**  
**Proporção de qualificados na PEA do grupo de imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro nas microrregiões selecionadas – 1991**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

<sup>18</sup> Como Anápolis e Porangatu em Goiás, Dourados no Mato Grosso do Sul, Imperatriz no Maranhão e Santarém no Pará.

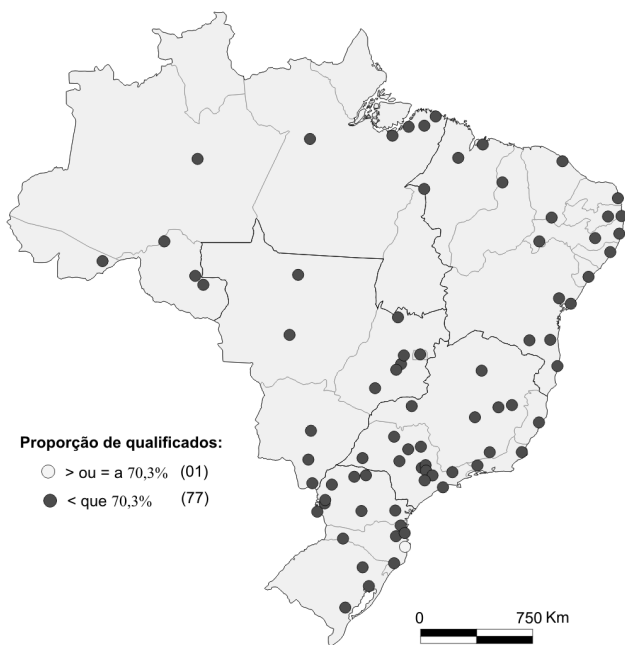
recente expansão da fronteira agrícola (norte do Mato Grosso e sudeste de Rondônia) que receberam fluxos expressivos de migrantes na década de 1980 (Matos, 2003, p. 233-238)<sup>19</sup>.

Focalizando o grupo *demais imigrantes* (Figura 3.2), impressionam os resultados cartografados: em apenas uma microrregião, Florianópolis, essa subpopulação apresenta nível de qualificação superior ao da PQG *emigrantes das AMs*<sup>20</sup>.

Os dados relativos à comparação entre os grupos mostram que em apenas quatro microrregiões o grupo *demais imigrantes* obteve nível de qualificação da PEA superior ao do grupo *emigrantes das AMs*<sup>21</sup> (Figura 3.3).

Estes dados confirmam a hipótese de melhor inserção ocupacional dos *emigrantes das AMs* nos mercados de trabalho das microrregiões selecionadas, se comparados ao grupo *demais imigrantes*, apontando para dimensões mais sofisticadas do processo de seletividade da migração. A procedência das maiores AMs do Brasil deve associar-se com um maior acesso à instrução e à formação/experiência no trabalho qualificado. Ademais, havia um ambiente econômico favorável, pelo menos até a década de 1980, no qual novas oportunidades surgiam com a expansão e diversificação da atividade econômica fora das grandes aglomerações, como apontam diversos trabalhos sobre o assunto<sup>22</sup>.

**FIGURA 3.2**  
**Proporção de qualificados na PEA do grupo formado pelos demais imigrantes presentes nas microrregiões selecionadas – 1991**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

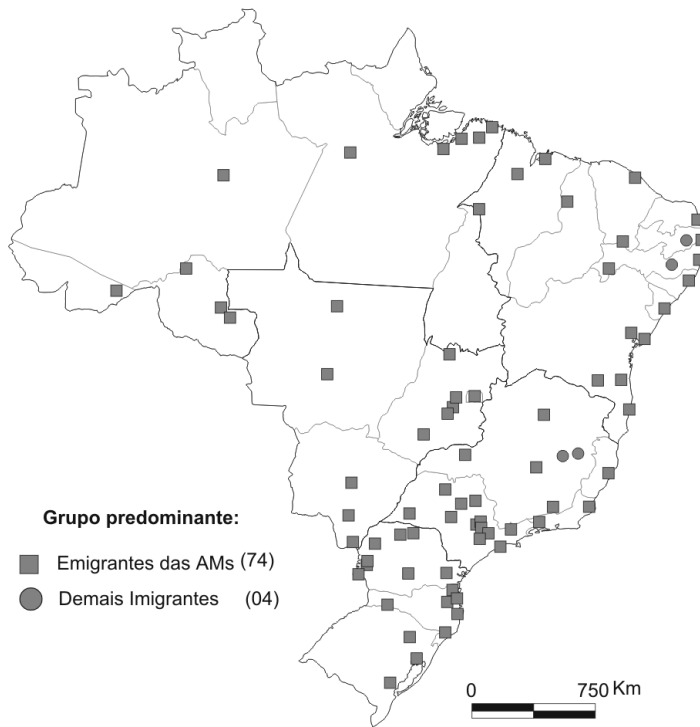
<sup>19</sup> Colíder no Mato Grosso e Ji-Paraná e Cacoal em Rondônia.

<sup>20</sup> Os dados de Matos (2002) já apontavam para tal resultado, mas vale lembrar que no referido trabalho foram analisados somente os emigrantes da microrregião São Paulo e não se chegou a um diferencial tão expressivo.

<sup>21</sup> Ipatinga e Governador Valadares em Minas Gerais, Campina Grande na Paraíba e Vale do Ipojuca em Pernambuco.

<sup>22</sup> Dentre eles, cabe citar Pacheco (1996), Pacheco e Patarra (1997), Diniz (1993), Martine e Diniz (1994), Becker (1991) e Matos e Baeninger (2001).

**FIGURA 3.3**  
**Comparação entre a proporção de qualificados na PEA dos imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e demais imigrantes nas microrregiões selecionadas – 1991**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

*Qualificação por setores econômicos*

Os dados da PQG por setores econômicos (PQG setorial) apresentados na Tabela 2 mostram, para todos eles, um maior nível de qualificação do grupo

*emigrantes das AMs*. Dentro desse grupo destaca-se o setor terciário, seguido de perto pelo setor secundário. No grupo *demais imigrantes* o setor com maior nível de qualificação é o secundário, seguido pelo terciário.

**TABELA 2**  
**Proporção de qualificados por setores econômicos, para os imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e para os demais imigrantes nas microrregiões selecionadas – 1991**

| Grupo              | Primário | Secundário | Terciário | Geral |
|--------------------|----------|------------|-----------|-------|
| Emigrantes das AMs | 53,1     | 70,1       | 71,7      | 70,3  |
| Demais Imigrantes  | 36,8     | 59,1       | 56,3      | 54,5  |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações do Laboratório de Estudos Territoriais (Leste), IGC/UFMG.

A qualificação nas microrregiões nos setores secundário e terciário<sup>23</sup>

As microrregiões em que o grupo *emigrantes das AMs* possui nível de qualificação no setor secundário acima de 70,1% (PQG setorial) concentram-se na região Sul e no Estado de São Paulo. Além destas, destacam-se as microrregiões de Belo Horizonte, Vitória, Salvador e Recife, localidades onde a atividade industrial adquire importância significativa. Abaixo desse parâmetro encontra-se a maior parte das microrregiões do Nordeste, inclusive cinco capitais estaduais<sup>24</sup>, assim como a maioria das microrregiões do entorno da AMSP e oeste paulista<sup>25</sup>. Vale ressaltar que essas microrregiões abaixo do parâmetro destacam-se por ser o destino de grande parte do grupo de *emigrantes das AMs*, e que, no caso do entorno da AMSP, registra-se uma participação da PEA no setor secundário acima da média das demais microrregiões.

Na comparação entre os dois grupos, a superioridade da qualificação dos *emigrantes das AMs* no setor secundário se faz presente em 68 microrregiões, sendo que, entre as microrregiões onde se pode registrar um maior dinamismo industrial, apenas em Campina Grande (PB) e Ipatinga (MG) esse grupo perde a supremacia na qualificação para o grupo *demais imigrantes*.

Os dados sobre o nível de qualificação do grupo *emigrantes das AMs* no setor terciário mostram valores acima da PQG setorial (71,3%) nas microrregiões das regiões Sul e Norte, nas capitais estaduais da região Centro-Oeste, no Distrito Federal e em algumas capitais estaduais do Nordeste. Entre as microrregiões que se situaram abaixo da PQG setorial merece menção o oeste paranaense, o entorno da AMSP, Minas Gerais (à exceção de Juiz de Fora), muitas microrregiões interioranas e duas capitais estaduais do Nordeste (João Pessoa e Recife).

O nível de qualificação abaixo da “média” no entorno da AMSP pode estar mostrando a continuidade da busca por trabalho dos migrantes que passaram por São Paulo e aí não se estabeleceram. No caso das capitais nordestinas, o retorno de mão-de-obra com baixa qualificação que não conseguiu sua inserção no mercado de trabalho das AMs de São Paulo e Rio<sup>26</sup>.

Na comparação do nível de qualificação por microrregiões, em apenas sete delas os *demais imigrantes* possuíam qualificação superior à dos *emigrantes das AMs*, confirmando claramente a melhor qualificação deste último grupo no setor terciário.

#### *Qualificação e tempo de residência*

Pode-se cogitar, com certa razão, que os migrantes com pouco tempo de residência nas áreas receptoras enfrentam muito mais dificuldades na obtenção de trabalho do que os mais antigos. Recortá-los segundo a variável censitária “tempo de residência” é um expediente usual para tentar responder a uma parte desta questão. Convém observar, no entanto, que esse procedimento padece de algumas limitações, já que os dados censitários referem-se a um corte transversal no tempo, como salientou Martine (1980). Os migrantes residentes à data do censo são os remanescentes, ou sobreviventes, já que são omitidos os migrantes que morreram ou que reemigraram no período. Ademais, a dinâmica do mercado de trabalho é variável ao longo do tempo e pode estar sujeita a flutuações que afetam a maior ou menor oferta de postos de trabalho, e os censos nada dizem sobre os diferentes momentos em que as pessoas ingressam no mercado de trabalho. Sendo assim, nem sempre um maior tempo de moradia no município implica um maior tempo de inserção no mercado de trabalho.

<sup>23</sup> Dados não mostrados devido à limitação do espaço disponível.

<sup>24</sup> Aracaju, Maceió, João Pessoa, Fortaleza e Teresina.

<sup>25</sup> Limeira, Campinas, Jundiá, Piracicaba e Ribeirão Preto.

<sup>26</sup> Talvez um processo de reemigração semelhante ao denominado por Martine (1980, p. 964) como um “substrato de verdadeiros nômades a perambular em busca de oportunidades passageiras de subsistência”.

**Distribuição dos imigrantes por tempo de residência e níveis de qualificação**

Os dois grupos de imigrantes possuem distribuições semelhantes, se comparados um ao outro, e pouco irregulares entre os três períodos escolhidos, concentrando-se a maior parte da PEA no grupo de maior tempo de residência (Tabela 3).

A estratificação segundo qualificação mostra diferenças expressivas entre os *emigrantes das AMs* e os *demais imigrantes*, reforçando as tendências já apontadas anteriormente. Nos três recortes temporais, os primeiros são bem mais qualificados que os segundos.

No que diz respeito às supostas melhorias no nível de qualificação com o tempo de residência, verifica-se que elas são mais sintomáticas no grupo *demais imigrantes*. A variação entre os mais recentes e os mais antigos chega a 8%. Já no grupo de *emigrantes das AMs* esta variação é muito pequena, apenas 2,3% (Tabela 4). Os dados conferem com a hipótese de que a vivência no mercado de trabalho das grandes cidades contribui para uma melhor inserção ocupacional, ainda que os percentuais sejam pouco expressivos. Entre os *emigrantes das AMs*, contudo, mesmo os recém-chegados ao município possuem um nível de

qualificação bem próximo ao dos residentes mais antigos.

Quanto à distribuição das microrregiões que obtiveram nível de qualificação acima da PQG dos *emigrantes das AMs* (70,3%), é possível alinhar as seguintes conclusões: (a) para os migrantes com menor tempo de residência (até um ano), microrregiões com nível de qualificação acima da PQG ocorrem nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás e nas capitais estaduais da região Norte; (b) os com dois a quatro anos de residência e acima da PQG ocorrem principalmente nas microrregiões da região Sul e oeste paulista; (c) já os com maior tempo de residência destacam-se acima da PQG nas microrregiões dos estados sulinos, do oeste de São Paulo e da região Centro-Oeste.

Na comparação da qualificação entre as classes de tempo de residência (Figura 4) destaca-se a classe de 5 a 9 anos, como a que possui melhor qualificação em 37 das microrregiões selecionadas (localizadas principalmente no Nordeste, Minas Gerais, Paraná e Brasília e seu entorno). A segunda classe predomina em um terço das microrregiões selecionadas e a classe de menor tempo de residência possui qualificação acima da média em 16 microrregiões<sup>27</sup>. Estes dados apontam para uma ligeira melhor qualificação dos migrantes com maior tempo de residência.

**TABELA 3**

**Distribuição percentual da PEA dos imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e demais imigrantes nas microrregiões selecionadas por tempo de residência no município – 1991**

| Grupo              | até 1 ano | de 2 a 4 anos | de 5 a 9 anos |
|--------------------|-----------|---------------|---------------|
| Emigrantes das AMs | 22,0      | 35,0          | 43,0          |
| Demais Imigrantes  | 23,2      | 35,2          | 41,7          |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações do Laboratório de Estudos Territoriais (Leste), IGC/UFMG.

**TABELA 4**

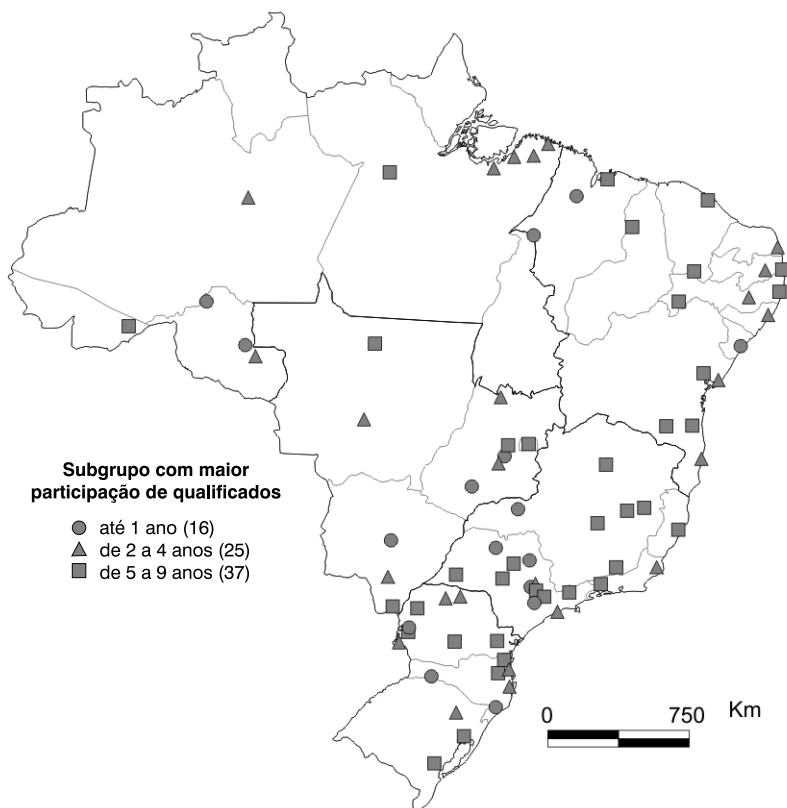
**Participação relativa dos qualificados segundo o tempo de residência no município para os imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e demais imigrantes nas microrregiões selecionadas – 1991**

| Grupo              | até 1 ano | de 2 a 4 anos | de 5 a 9 anos |
|--------------------|-----------|---------------|---------------|
| Emigrantes das AMs | 68,8      | 70,1          | 71,1          |
| Demais Imigrantes  | 49,6      | 54,1          | 57,6          |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações do Laboratório de Estudos Territoriais (Leste), IGC/UFMG.

<sup>27</sup> Com destaque para quatro microrregiões paulistas: São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Piracicaba e Sorocaba.

**FIGURA 4**  
**Comparação do nível de qualificação por subgrupos de estratos de tempo de residência no município para os imigrantes provenientes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro nas microrregiões selecionadas – 1991**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

### Considerações finais

Neste artigo, duas dimensões da qualificação do trabalhador foram exploradas: a atividade ocupacional em si e a escolaridade. Reconhece-se que outras alternativas de classificação podem ser trabalhadas utilizando-se os dados do Censo Demográfico, da mesma forma que se pode aprimorar o caminho metodológico aqui seguido.

Os fluxos emigratórios originários das maiores áreas urbanas do país, boa parte deles integrante do processo de desconcentração demográfica, dirigiram-se principalmente para as áreas mais dinâmicas

do conjunto de 78 microrregiões selecionadas. Os resultados permitem sugerir a hipótese de que a desconcentração industrial do período pode ter gerado estímulos no setor terciário em diversos pontos da rede de localidades centrais do país.

A análise segundo nível de qualificação mostrou, reiteradamente, que os *emigrantes das AMs* de São Paulo e Rio de Janeiro são mais bem qualificados que os *demais imigrantes*. Esta evidência, por si só, traz mais consistência às análises sobre o processo de redistribuição da população brasileira nas últimas décadas, e reintroduz a discussão teórica sobre o papel dos



grandes centros urbanos como difusores de crescimento econômico e inovações técnicas. Além disso, algumas afirmações recentes sobre a evasão de mão-de-obra qualificada das grandes metrópoles em crise encontram algum respaldo nos dados aqui examinados.

Por outro lado, não obstante a pobreza e a exclusão do mercado de trabalho, podem estar sendo construídas *redes sociais* baseadas nos fluxos migratórios como respostas às adversidades que se vêm disseminando nas grandes metrópoles. Se verdadeira tal suposição, pode-se esperar que, nos próximos anos, vários subespaços das regiões Sul e Centro-Oeste, por exemplo, continuem ganhando densidade econômica e demográfica, beneficiados pelo espraio industrial a partir de São Paulo.

### Referências bibliográficas

BECKER, B. Modernidade e integração do território no Brasil: da integração nacional à integração competitiva. **Espaço & Debates**, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, ano 11, n. 32, 1991, p. 47-56.

CUNHA, J.M.P. e JAKOB, A.A.E. Quem entra e quem sai da Região Metropolitana de São Paulo: uma análise dos impactos da migração no perfil da população residente. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 2, Ouro Preto, MG, 2000. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000, p. 673-704.

DINIZ, C.C. Desenvolvimento poligonal no Brasil; nem desconcentração, nem contínua polarização. **Nova Economia**, Revista de Ciências Econômicas da UFMG, Belo Horizonte, v. 31, n. 11, 1993, p. 35-64.

DURHAM, E.R. **A caminho da cidade**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1991**: documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

Nas áreas meridionais do país, ainda que o nível de qualificação do trabalhador tenha se apresentado relativamente alto, uma parte considerável dos imigrantes compunha-se de trabalhadores não-qualificados. Se os critérios de composição dos não-qualificados forem mais rigorosos, como, aliás, sinalizam as tendências do mercado de trabalho, os dados podem estar subestimados, não indicando a verdadeira dimensão da precarização da força de trabalho brasileira. Adicionalmente, pode-se cogitar a hipótese de que as dificuldades de inserção estável em postos de trabalho fazem aumentar a rotatividade de trabalhadores que não conseguem se fixar nas grandes metrópoles, forçando-os a buscar alternativas em outros locais.

MARTINE, G. Adaptação de migrantes ou sobrevivência dos mais fortes? In: MOURA, A.M. (coord.), **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980, p. 949-974.

MARTINE, G. e DINIZ, C.C. Concentração econômica e demográfica no Brasil: recente inversão do padrão histórico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 11, n. 3 (43), jul./set., 1994, p. 121-134.

MATOS, R. **Fluxos migratórios e desconcentração espacial no Brasil**: os números, os lugares e as populações. Relatório de pesquisa CNPq. Belo Horizonte, 2001. Mimeo.

\_\_\_\_\_. A contribuição dos imigrantes em áreas de desconcentração demográfica do Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 1, jan./jun., 2002, p. 49-74.

\_\_\_\_\_. Fluxos migratórios no Brasil contemporâneo: descrição e análise. In: GONÇALVES, M.F. et al. (orgs.), **Regiões e cidades, cidades nas regiões**: o desafio urbano-regional. São Paulo: Editora Unesp/ANPUR, 2003, p. 229-271.

MATOS, R. e BAENINGER, R. Migration and urbanization in Brazil: processes of spatial concentration and desconcentration and the recent debate. In: GENERAL POPULATION CONFERENCE, 24, Salvador, 2001. **Anais...** Campinas: ABEP, 2001. CD-ROM.

PACHECO, C.A. Desconcentração econômica e fragmentação da economia nacional. **Economia e Sociedade**, Campinas, n. 6, junho, 1996, p. 113-140.

PACHECO, C.A. e PATARRA, N.L. Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões? In: PATARRA, N.L. et al. (orgs.),

**Migrações, condição de vida e dinâmica urbana**: São Paulo, 1980-1993. Campinas: IE/Unicamp, 1997, p. 25-51.

RIBEIRO, J.T.L. **Estimativas da migração de retorno e alguns efeitos demográficos indiretos no Nordeste brasileiro**. Tese de doutoramento em Demografia, FACE/Cedeplar, UFMG, Belo Horizonte, 1997.

SASAKI, E.M. e ASSIS, G.O. Teorias das migrações internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, Caxambu, MG, 2000. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000. CD-ROM.

## Abstract

### *Occupational insertion of emigrants of the Metropolitan Areas of São Paulo and Rio de Janeiro*

This article analyzes the occupational insertion of emigrants from the Metropolitan Areas of São Paulo and Rio de Janeiro now living in 78 other different areas in the country. Based on a previous study, the regions chosen represent the most important segments of cities in Brazil. The results of the study indicate that the deconcentration of industry during the period may have generated effects on the third sector in several regions in the central areas in terms of the direction of migratory flows from Rio de Janeiro and São Paulo. Comparing the occupational situation of different types of migrants, based on the workers' level of occupational qualification as defined by the numbers of years of schooling, the analysis repeatedly showed that migrants from the Metropolitan Regions of São Paulo and Rio de Janeiro are better qualified than other migrants present in same areas. The evidence gathered suggests a return to the theoretical question of the importance of large cities as diffusers of economic growth and technical innovation. Moreover, recent information on the evasion of qualified labor from the large cities in crisis would seem to be reinforced by these results.

**Key words:** Migration. Economic deconcentration. Occupational insertion.

Recebido para publicação em 20/8/2003.

Aceito para publicação em 1/2/2004.